

E se a história fosse diferente?

Livro 1: Reino dos Tepuys



E se a história fosse diferente?

Livro 1: Reino dos Tepuys

Uma história alternativa por

Matheus

Soares

Título original
**E SE A HISTÓRIA FOSSE DIFERENTE?
O REINO DOS TEPUYS**

Primeira publicação em
Itacaré, Bahia, Brasil.

2023

1 Edição

Todos os direitos da obra
**E SE A HISTÓRIA FOSSE DIFERENTE?
O REINO DOS TEPUYS**
Reservados ao Autor

Copyright do texto © Matheus Soares, 2023

S586e Silva, Matheus – 1999

E se a história fosse diferente? O Reino dos Tepuys

/ Matheus Soares da Silva – 1 ed –

Itacaré, BA : Edição do autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-78300-1

1, Ficção 2, História alternativa

1, Título II, Silva, Matheus

B869.3

Livro 1: Reino dos Tepuys

Embarque nesta jornada fascinante por um mundo fictício onde uma catástrofe mudou o rumo da história para sempre.

Acompanhe personagens e povos nesta saga que mostrará uma história alternativa ao mundo em que vivemos hoje! Esta primeira edição nos contará a história de dois povos, o Reino dos Tepuys e o Menceynato Guanche.

Venha viver as fantásticas aventuras junto com nossos protagonistas e acompanhe o desenvolvimento destas civilizações.

Observações para o leitor:

- Tepuy é uma formação geológica em forma de montanhas com topos planos em formato de mesa, com grandes penhascos que se precipitam quase verticalmente até suas bases.
- Este livro é meramente ficcional, um vislumbre de como o mundo poderia ser se algo tivesse sido diferente.
- Apesar de apresentar alguns fatos históricos, o livro não deve ser encarado como contendo estudos acadêmicos.
- A forma como os povos retratados no livro é descrita, bons ou maus, civilizados ou incivilizados são meramente parte da narrativa e do ponto de vista de nossos personagens. Não retrata de forma alguma a realidade destes povos originários.

- Damos valor à contribuição de todos os povos originários para a formação de nosso mundo atual, agricultura, medicina e conhecimentos gerais.
- O livro não incentiva o ódio a um ou mais grupos étnicos e linguísticos, nem incentiva a sentimentos de superioridade por ambos.
- Que o leitor use de discrição e discernimento.

Sumário

Capítulo 1: O que aconteceu?
.....

Capítulo 2: O início do fim?
.....

Capítulo 3: Uma nova era
.....

Capítulo 4: Uma vida difícil
.....

Capítulo 5: O amargo reencontro
.....

Capítulo 6: A jornada

Capítulo 7: O retorno

Fim do prelúdio

Capítulo 8: O início de uma jornada transformadora
.....

Capítulo 9: A jornada para o novo lar
.....

Capítulo 10: Um novo começo sempre traz dificuldades

Capítulo 11: Uma amizade inesperada

Parte II: Todo povo precisa trilhar seu caminho

Capítulo 12: Um avanço lento, porém contínuo

Capítulo 13: O despertar de um gigante adormecido

Capítulo 14: Uma mente visionária pode melhorar o futuro

Capítulo 15: A escrita muda vidas

Capítulo 16: As experiências de Anahí

Capítulo 17: As fundações de uma base sólida

Capítulo 18: As interações mudam povos

Capítulo 19: Estranhos de uma terra distante

Parte III: Um povo diferente

Capítulo 20: A história dos Guanches

Capítulo 21: A navegação não é para amadores

Capítulo 22: Os humanos predam até a escassez

Capítulo 23: Novas necessidades trazem mudanças

Parte IV: A interação entre dois povos diferentes

Capítulo 24: Novas pessoas, novos recursos, novos perigos

Capítulo 25: A morte vem do mar

Capítulo 26: As viagens continuavam

Capítulo 27: Colonização de ocupação

Capítulo 28 Toda ajuda é bem-vinda:

Capítulo 29: Uma ideia mortal

Capítulo 30: Uma surpresa inesperada

Capítulo 31: A batalha sangrenta

Capítulo 32: Uma estranha reação

Capítulo 33: Uma retaliação dura

Capítulo 34: O tratado de guerra

Capítulo 35 O alvorecer de uma era conturbada

Capítulo 36: Uma década de confusão

Capítulo 37: Uma luz em meio à escuridão

Capítulo 38: Novas rotinas trazem novas possibilidades

Capítulo 39: Um novo modelo econômico

Capítulo 40 Uma nova potência emerge:

Capítulo 41: Uma época de invenções

Capítulo 42: O surgimento de uma poderosa aliança

Considerações finais:

Dados gerais:

Capítulo 1: O que aconteceu?

O ano é 543 da era comum, um navio mercante zarpa de Constantinopla levando uma carga valiosa, dois herdeiros



da família real Bizantina, herdeiros estes que a história não nos conta seus nomes nem seus sexos, príncipes ou princesas? Idosos ou jovens? Não sabemos. Tudo que sabemos é que sua missão era levar e proteger estes valiosos membros da família real até que a peste acabasse. O mundo estava sendo acometido pela praga de Justiniano, uma onda de peste bubônica que estava ceifando a vida de milhões, Constantinopla já havia visto a morte de dezenas de milhares de pessoas num período de 2 anos, e a peste estava longe de acabar.

Justiniano, imperador do império bizantino ordenou a Augustos, chefe de um de seus regimentos militares que escoltasse estes membros da família real para fora do território afetado pela praga. Em um mapa antigo encontrado em seus arquivos, falava-se de ilhas repletas de cães e com nativos gentis localizadas além dos pilares de Hércules, chamavam-nas de Canarias. Augustos tinha como objetivo chegar às Ilhas e só retornar quando a peste tivesse acabado, assim garantiria a linhagem real do império.

Na manhã de 12 de agosto de 543 uma terça feira, a pequena frota composta de 1 navio mercante e dois barcos de escolta zarparam em direção às Canárias, com uma rápida parada em Malta para reabastecimento e sem data para retornar. Alguns dias após terem zarpado, chegaram à malta, onde reabasteceram o suprimento de água e de comida. Zarparam novamente no dia seguinte.

Após passaram os pilares de Hércules, alguns dias depois de terem deixado Malta finalmente estavam em águas do atlântico. Pouco após terem chegado em águas atlânticas um de seus tripulantes ficou doente, era a praga! Ele prontamente foi lançado ao mar sem escrúpulos para a proteção dos

demais tripulantes. Medida inefetiva! Mais tripulantes começaram a adoecer no navio mercante principal. Todos que demonstrassem os mínimos sintomas iam sendo lançados ao mar sem chance de retorno. Augustos temendo pela vida dos herdeiros, transferiu-os para um dos navios de escolta que ainda não havia sido contaminado, levaram suprimentos essenciais e ordenou que afundassem o navio mercante com sua tripulação dentro. Eles deveriam estar próximos às ilhas que eram seu destino, sabiam que chegariam em breve segundo seus mapas náuticos.

Um silêncio fúnebre se estendia por toda a frota, um medo de novas contaminações tornava a atmosfera local insuportável. Os homens planejavam atracar em qualquer porto africano que pudessem achar e abandonar a família real fazendo assim um motim contra Augustos! Mas finalmente, na tarde de 23 de setembro ouviu-se um grito retumbante no convés do barco:

—Terra à vista! Olhe capitão! A estibordo, é uma ilha grandíssima. Deve ser nosso destino!

O marinheiro estava correto, era a ilha de Tytheroygatra, habitada pelos gentis Majos. Prontamente Augustos ordenou o desembarque e enviou um diplomata para iniciar relações com os nativos que somavam algumas centenas na ilha. Da expedição original que zarpou de Constantinopla, apenas 32 dos mais de cinquenta homens sobrevivem. Os homens de Augustos foram bem recebidos pelos Majos, pessoas simples e hospitaleiras que moravam em pequenas casas de pedra parcialmente enterradas no solo. Criavam cabras, porcos selvagens aos que chamavam de ylfes e viviam do que conseguiam cultivar naquela árida terra. Augustos percebendo a pobreza

daquele povo, logo se deu conta de que não poderiam permanecer muito tempo às suas custas, deveriam zarpar em busca de uma ilha com mais recursos. Comentou com o padre que acompanhava sua expedição e era responsável pela cartografia:

—Padre, estes gentis nativos não nos poderão sustentar por muito tempo, certamente mal tem recursos para manter-se a si mesmos! Não podemos ficar. Em seu mapa há ilhas maiores do que esta, correto? Para onde devemos ir?

—Sim, temos mais ilhas no mapa, uma grande ilha em forma triangular deve estar a cerca de um ou dois dias de viagem ao sudoeste daqui. Provavelmente encontraremos mais recursos por lá para que possamos nos manter sem depender dos nativos.

Assim sendo, passaram 3 dias na ilha. Após presentear os nativos com alguns apetrechos que traziam em sua viagem, zarparam para onde indicava o mapa do padre. Depois de um dia de viagem o olheiro soltou um grito aterrorizante de seu posto de vigia:

—Olhem para bombordo! Se aproxima uma grande nuvem da morte a velocidades galopantes!

O desespero tomou conta das tripulações das duas embarcações restantes, por todos os lados havia homens amarrando o que podiam e se preparando para serem interceptados por aquela imensa nuvem. Não mais do que uma hora depois do grito do olheiro, a nuvem os alcançou. Não era uma nuvem de tempestade como haviam imaginado, era uma tempestade de areia vinda diretamente do Saara que os cegara completamente. Já não era possível ver a outra embarcação e não se enxergava mais do que cinco metros à frente. A

tempestade com ventos arrebatadores assolou a tripulação por um dia inteiro, até que se ouviu em meio à ventania o quebrar de ondas à margem de terra. Quase como imediatamente sentiu-se um solavanco que arremessou toda a tripulação pelo convés, o navio havia encalhado em algo. As ondas o empurravam contra o rochedo e suas tábuas começavam a partir-se em pedaços enquanto a água inundava o compartimento de carga. Estariam eles fadados à morte? Augustos gritou: —Abandonar o navio! Agarrem-se ao que puderem e tentem chegar à praia.

Durante o frenesi os membros da família real agarraram-se a uma tábua e foram puxados pela corrente até a segurança de uma pequena praia ao norte da ilha que haviam acidentalmente encontrado. Outros tripulantes chegaram em se-



gurança à mesma praia ao longo dos minutos após o naufrágio, era uma pequena praia de areias escuras encrustada nas montanhas da ilha. Durante o resto do dia os sobreviventes encarregaram-se de

ajudar os feridos e de recolher os materiais que haviam chegado à praia com eles. O que eles não esperavam, é que junto aos destroços chegara um intruso, um rato portador de pulgas e da peste.

Ao raiar do sol a tempestade havia se dissipado e não havia sinal da outra embarcação nem haviam encontrado boas fontes de água potável. Augustos, ferido gravemente na perna percebeu que deveria despachar uma expedição ao interior em busca de ajuda de nativos e de água potável. O diplomata da missão aparentemente estava morto ou não havia chegado à praia em segurança, então o padre Clementino foi designado para chefiar a missão. Clementino acreditava que deveriam estar na ilha que seu mapa indicava como Nivaria, ele estava correto. Subiram em busca de água uma estreita garganta rochosa que desembocava na praia por onde certamente corria um riacho em épocas de chuva. Após caminharem cerca de 2,4 quilômetros garganta à cima chegaram a um pequeno vale recoberto de tamareiras e dragoeiros onde encontraram um jovem que pastoreava um rebanho de cabras que se assustou ao ver estranhos em seu lar. Rapidamente, o jovem correu para longe dos estrangeiros tão estranhamente vestidos.

Padre Clementino sabia que o jovem iria avisar os demais habitantes da ilha de sua chegada, sabiamente instruiu o grupo a tomar uma posição defensiva, mas que não oferecesse ameaça aos nativos até que suas intenções fossem bem claras. Cerca de duas horas depois do avistamento, um pequeno grupo de nativos Guanches chegaram ao vale, eles estavam acompanhados de seu líder o Mencey Ichasagua, líder da tribo de Anaga. Os nativos não pareciam demonstrar hostilidade aos recém-chegados, pareciam curiosos por não

receberem visitas com frequência. Seu primeiro contato foi amistoso e os dois lados mostravam-se curiosos a respeito dos estranhos que acabaram de conhecer. Como não falavam o mesmo idioma nem havia intérpretes, inicialmente não conseguiram se comunicar bem, mas com alguns gestos e mímicas, conseguiram fazer os Guanches entenderem que eles estavam em perigo e precisavam de abrigo, comida, água e ajuda para os feridos.

O Mencey Guanche prontamente enviou seus homens com Clementino garganta à baixo para socorrer as vítimas na praia, enquanto enviou outros à vila para avisarem sobre os recém-chegados. Ao anoitecer haviam chegado ao povoado principal do Menceynato de Anaga, o pequeno reino que dominava todo o norte da ilha que logo descobriram ser chamada pelos nativos de Chenech. Foram recebidos ao som de música, festa e um grande banquete feito de alguns dos ylfes de seus rebanhos que foram abatidos para receber aqueles estranhos vindos de terras além-mar. Os feridos foram devidamente tratados pelas mulheres Guanches, em especial Augustos que foi muito bem tratado por uma mulher chamada Aniagua, ela aparentemente estava interessada em obter um terceiro esposo, um hábito na sua cultura já que a poliandria era uma prática comum das ilhas.

Com o passar das semanas o grupo de Bizantinos começou a comunicar-se melhor com os nativos Guanches, pouco a pouco palavras iam sendo reconhecidas, expressões e saudações. Eles se preocupavam com o destino dos tripulantes do outro barco, mas como não havia sinal dos náufragos, acreditaram em sua morte. Augustos logo tornou-se companheiro de pastoreio de alguns jovens Guanches, ele saía com eles

para ajudá-los a pastorear seus rebanhos de cabras e ordenhá-las. Mês após mês foram ficando mais íntimos daquelas amáveis pessoas. Alguns dos sobreviventes fortemente católicos, decidiram erigir uma pequena igreja com a ajuda do padre Clementino. Tarefa árdua que levou meses entre lavrar as pedras e erigir suas paredes, mas ao fim de junho de 544 eles haviam concluído sua obra. Até então, alguns nativos haviam se interessado pela fé estrangeira e haviam se convertido ao cristianismo, dentre eles algumas crianças da família real de Anaga e nativas que haviam se casado com os bizantinos.

Estranhas notícias começaram a chegar do sul da ilha, o Menceynato de Güímar parecia estar sendo assolado por uma perda inexplicável de ylfes que estavam adoecendo e morrendo nos campos. Isso estava afetando a subsistência de sua população, o Mencey de Güímar enviou um emissário a Anaga para pedir ajuda a Ichasagua. Anaga se dispôs a ajudar seus irmãos Guanches e os enviou um pequeno rebanho de cabras para alimentá-los. Infelizmente, pouco tempo depois todos os ylfes de Güímar estavam mortos e a doença parecia espalhar-se entre os rebanhos de outros menceynatos. Em Anaga um jovem pastor de ylfes adoeceu rapidamente e começou a ter pústulas de pus por todo o corpo, muita febre e dores, os homens de Augustos sabiam que só podia significar uma coisa, a praga os havia alcançado.

Eles estavam presos na ilha, sem embarcações que aguentassem uma fuga. Em pouco tempo 1 em cada 3 nativos Guanches estavam mortos pela praga, 5 dos homens de Augustos e 1 dos membros da família real também haviam padecido. Conflitos por comida eclodiram por toda a ilha, enquanto relatos de rebanhos inteiros de ylfes dizimados pela

praga se espalhavam por todos os menceynatos. Uma guerra entre menceynatos eclodiu na ilha. Anaga virou alvo central nesta guerra pois os outros menceynatos acusavam os recém-chegados de trazerem a pestilência com eles. Sabe-se pela história oral dos antepassados que a guerra devastou a ilha, infelizmente não há registros sobre o que aconteceu depois disso.

A doença persistiu na ilha por gerações e pouco a pouco os nativos criaram resistência e os rebanhos de ylfes voltaram a prosperar no arquipélago. A doença era tão comum quanto um resfriado em Constantinopla, mas os Guanches e ylfes já não mais morriam para ela. Junto com a doença, a pequena comunidade cristã de Anaga cresceu e se espalhou por todos os menceynatos da ilha e ao longo dos anos por todo o arquipélago. Porém, mesmo com o avanço da nova fé, as religiões tradicionais dos povos originários persistiram e abundavam por toda a ilha em grandes templos e plataformas religiosas erigidas em pedras imponentes.

Capítulo 2: O início do fim?

Séculos se passaram e os descendentes de Justiniano nunca regressaram a Constantinopla, os Guanches nunca mais viram estrangeiros em suas costas. Por volta do ano 1312 tudo mudou, um navio mercante genovês chegou à costa de Tytheroygatra que logo seria chamada pelos novos descobridores de ilha de Lanzarote em homenagem a Lanzarotto Malocello explorador que a descobrira em sua viagem enquanto estava tentando chegar às índias dando a volta ao redor da África. Ao avistarem a ilha, prepararam-se para desembarcar e clamar a ilha para o

governo Genovês, entraram em contato com os nativos Majos e logo erigiram uma fortificação próxima a um povoado nativo chamado de Teguisse. Os Majos presentearam os genoveses com alguns ylfes vivos, suprimentos,



água potável e feno para sua viagem às Índias, o que Lanzarotto não sabia naquele momento, é que a morte entrara em sua frota por meio dos ylfes que eram portadores da peste bubônica.

Em poucos dias de viagem, os homens de Lanzarotto começaram a adoecer um atrás do outro, e nada sabia-se sobre esta estranha doença que os afligia. Curiosamente a peste havia mutado, ela não mais se espalhava apenas por picadas de pulgas infectadas, agora ela também era transmitida pelos hospedeiros contaminados, através do suor, secreções corporais e por vias aéreas. Uma verdadeira infelicidade para um navio lotado de homens desprovidos de higiene e bons hábitos. Em menos de uma semana após o início do contágio, todos os homens do navio estavam mortos com exceção de um marujo que havia adoecido e não havia morrido. Ele guiou a embarcação até o litoral e aportou próximo à península do cabo verde, onde foi recebido por nativos locais que logo trataram de apossar-se dos ylfes que haviam sobrevivido no barco.

A contaminação espalhou-se por toda a África em velocidades alarmantes, cruzando o continente da costa oeste à leste em questão de meses. As caravanas tuaregues e berberes já não mais atravessavam o Saara, já que seus condutores morriam antes de conseguirem chegar ao próximo oásis. A peste era muito mais mortal que as epidemias antes vistas no velho mundo, 19 em cada 20 pessoas faleciam, e toda sorte de mamífero convertia-se em um vetor de contaminação. Por alguns meses o Saara atuou como uma barreira física entre a doença e a Europa e Ásia, mas ao chegar na costa Suaíle mercadores árabes foram contaminados com a peste e a levaram de barco até as grandes rotas comerciais da península arábica.

Em menos de 50 anos, a população somada dos continentes afetados caiu para cerca de 20 milhões de pessoas apenas. Civilizações inteiras dizimadas, espécies inteiras de animais, extintas. Mas assim como a praga surgiu rapidamente, desapareceu em menos de 100 anos para nunca mais ser relatada na história nem mesmo entre os Guanches. O velho mundo e suas antigas civilizações regrediram milênios em termos culturais e de avanços tecnológicos. Habitantes de antigos impérios viraram grupos caçadores e coletores, os mais resistentes viraram pequenos agricultores, a peste Guanche havia dizimado o mundo.

Em contrapartida, ela jamais atravessou o atlântico e o pacífico, seus povos continuaram se desenvolvendo livremente ao longo dos séculos. E é aqui que começa nossa jornada, um mundo novo e com novas perspectivas. O que virá a seguir? E como as civilizações irão se desenvolver? Nos acompanhe nesta jornada por um mundo alternativo onde os povos fictícios e reais, americanos e do pacífico foram os grandes responsáveis e protagonistas do desenvolvimento humano e da globalização.